



Boletim Informativo da Casa do Artista

Editorial

Volume XXXI, Edição

Dezembro de 2018

É NATAL!



Nesta edição:

A Vida	2
Recital de Natal	3
Crónica dum Natal entre Serras e Ovelhas	4
Noite de Natal	5
A Magia do Natal	6
O Menino e a Guerra	8
Abraça-me	10
Homenagem	11
Mais um Conto de Natal	13

Talvez Natal

Que a minha poesia
Jorre de novo em fonte.
Tu que fazes, Maria?
- Vou beijar-te na fronte.

Que a rosa da alegria
Volte a esfolhar-se em mim.
Tu que fazes, Maria?
- Colho-a no meu jardim.

Que eu tome cada dia
O alvor da comunhão.
Tu que fazes, Maria?
- O milagre do pão.

Que graça te alumia?
Quem te sublima em luz?
Tu que fazes, Maria?
- Trago ao colo Jesus.

António Manuel Couto Viana, in 'O Velho de Novo'



A VIDA

A vida é bela
Diz o povo
E tem razão...
Nós é que damos cabo dela.

Vamos viver alegremente
Dar sentido à nossa vida
Somos o povo da razão.

Todos juntos lutaremos
Nossas vidas viveremos
E juntos nós venceremos:
Não daremos cabo dela
Pois o povo tem razão:
A vida é sempre bela!

Autora: Lila

(Secretária/ Residente da
Casa do Artista

O mais importante
na vida não é o triunfo
mas a luta para o
alcançar

Autor: Pierre de Coubertin
(Pedagogo e Historiador francês)

Os únicos limites
que tens são aqueles
em que acreditas

Autor: Wayne Dyer
(Autor de livros de entreaajuda)

Colabore com a próxima edição do “Boletim Informativo da Casa do Artista” 2019, através das suas histórias, do seu talento, da sua arte.

Contamos consigo!

RECITAL DE NATAL

No passado dia 6 de Dezembro 2018, realizou-se na Casa do Artista o Recital de Natal, com a presença do tenor Jorge Baptista da Silva, a soprano Ana Madalena Moreira, acompanhados ao piano por Nataliya Kuznetsova.

Durante actuação contámos ainda com a colaboração da Sócia Residente/ Cantora Lírica Helena Vieira.

Foi uma tarde agradável, cheia de afectos, partilha e muito calor humano.



**“Afinal o sentimento,
que as nossas almas unia,
foi capricho de momento;
nem amor, nem simpatia.”**

Christovão

CRÓNICA DUM NATAL ENTRE SERRAS E OVELHAS

A minha avozinha, estava na roca afiar.
Quando vem do céu um anjo, lindo como
Um arcanjo, para ajudar a dobar
Vamos, vamos avozinha, que o teu
Netinho, está prestes a chegar?
Há alvoroço, há festa
Naquele pobre casebre
Perdido entre os montes
Mas também há um fumeiro
Pronto e a fumar
E pedaços de porco, da última matança
Que toda a vizinhança, está trazendo
Para que a festa da avozinha
Fique para recordar
Já nasceu, já nasceu! ...
Gritam contentes e alvoraçados
Os diversos avozinhos quase em coro
É o Menino Jesus
Que nos veio visitar! ...

Autora: Nilza Moreno

(Artista da Rádio/Residente da Casa do Artista)



**Para recordar...
como era antiga-
mente!**

NOITE DE NATAL

Broas comi e dei
Entra o Sol pela janela
Era tão bom o Bolo-Rei
Mais os sonhos com canela

Arroz doce e aletria
Com açúcar mascavado
Bem parida era a fatia
Tudo com sabor a Fado

Guardo no meu coração
Isto é verdade, não minto
Para manter a tradição
É todo o amor que sinto

É linda a nossa amizade
Seja de noite ou de dia
A neve cai na cidade
Foi numa altura bem fria

Minha túnica foi um robe
Ser humilde a minha Cruz
Nasci um Menino pobre
Foi muito igual a Jesus

As palhas foi minha manta
A ver se a manjedoura cai
Minha Mãe era uma Santa
Mas não conheci meu Pai

Minha vida coisa boa
Linda Noite de Natal
Nasci aqui em Lisboa
Presépio de Portugal

Casa simples a meter dó
Guardo uma grande lembrança
Na casa da minha avó
Ali na Penha-de-França

Esta Ceia, este jantar
Anda lá tudo a correr
A sorrir e a cantar
E o bacalhau a cozer

Tudo alegre e sem preguiça
Eu vou servir com carinho
Batatas e hortaliça
Tinto ou branco, mas bom vinho

Um lençol cheio de rendas
Quem por amor se perdeu
Já recebeu muitas prendas
Foi o Júlio que nasceu

Teve parto natural
Nasce o menino Zezinho
Era Noite de Natal
Parabéns Senhor Coutinho.

Autor: Júlio Coutinho
(Actor/Residente da Casa do Artista)

A MAGIA DO NATAL

Estamos na quadra do Natal! Palavra mágica! Não há dúvida que o Natal não é indiferente para ninguém. A maioria gosta desta euforia e “mise-en-scène”; e de toda esta luz deslumbrante; árvores gigantes iluminadas; as pessoas no corre-corre, chega a ser comovente ver tantos saquinhos de prendas nas mãos de tanta gente cheia de contentamento, tendo uma expressão ... que só o poeta consegue definir. É tão poética a magia do nascimento de Jesus, que quase me atrevo a dizer que a poesia e magia se complementam.

As lojas e centros comerciais estão cheios de artigos alusivos a esta quadra natalícia, e conseguimos ver presépios!

Se esta festa é de Jesus e do seu nascimento, devia de ter presépios em todo o país! No norte, nunca faltam. O Porto como cidade genuína também está presente com o seu grande presépio!

As compras continuam com toda esta animação. As pessoas parecem enfeitiçadas e lá vão comprar mais prendas, principalmente para as crianças, e nem assim nunca ficam satisfeitas. Bastava uma ou outra prenda com significado, fazendo sentido nesta quadra.

Lembrei-me com alguma nostalgia do Natal na minha terra e uma abençoada consoada, onde havia um grupo que de porta em porta iam cantar as boas festas, uma tradição bonita. Para as crianças também era diferente punha-se um sapatinho em cima do fogão ou lareira, para durante a noite o Menino Jesus deixar a sua prenda. As crianças ficavam muito excitadas, tendo pressa de acordar cedo, para irem ver se o sapatinho tinha alguma prenda! Era um encanto vê-los tão felizes, com a sua simples prenda. E senti-los com a sua pureza fascinante mostrar a sua ou as suas prendinhas. Ninguém conseguia sossega-los de tão contentes que estavam.

Presentemente é tudo mais moderno e o progresso evoluiu rapidamente. É útil e necessário, e como tudo na vida tem os seus contras. É um pouco frio, faltando mais calor humano, dando mais valor ao dinheiro. Já que estou com a caneta na mão escrevo, dizendo que é tudo muito comercial, que pena! De uma maneira ou de outra andam todos eufóricos e com muita emoção a celebrar o nascimento de Jesus. Tudo se ajusta para os nossos corações ficarem iluminados e a alma mais lavada. É suposto que nem todos vibram com a magia do Natal. Porquê? Porque estão sozinhos, não tendo já família e quando a têm vivem longe, acabando por ficar numa solidão, vivendo de recordações, sendo penoso passarem a celebração sozinhos.

Infelizmente, nem todos sentem o mesmo que a maioria sente nesta quadra, são livres de terem as suas convicções e os seus motivos.



Por todo o país, cada região tem um toque das suas próprias tradições, vibrando da mesma maneira, ou quase. no Natal. Conforme a sua religião, uns vão à missa do galo e só depois vão fazer a ceia com a família e outros reúnem-se com os seus familiares e crianças numa consoada cheia de amor e paz. Também há outros que, por terem família muito reduzida, a consoada já não é tão alegre, mas sim melancólica. Com este ambiente de ternura, acabam de se sentir mais humanos, lembrando aqueles que não têm família nem casa. Sem querer, estamos a ser hipócritas. Devíamos de pensar neste problema durante todo o ano.

E como Natal é Natal, desejo muitas felicidades e com muita magia um Santo e Feliz Natal.

Autora: Maria Candal

(Actriz/ Cantora Ligeira e Residente da Casa do Artista)



**Este pessoal do meu tempo,
também envelheceu!**

**Os nossos favoritos são
agora também idosos**

O MENINO E A GUERRA

Algures campo de refugiados

Chora o menino
No berço de palha,
Que Deus o valha,
Em seu destino.
Frágeis deditos
Buscam a terra,
Há nos olhitos
Reflexos da guerra.

A guerra não acaba
Em redor dos meninos.
Ninguém os afaga.
Deus guarde os seus destinos.

Boquita de anseio,
O leite não vem,
Secou-se o seio
Na morte da mãe.
Cai a metralha
Em desatino,
No berço de palha
Morreu o menino! ...

Autor: Joaquim Samora
(Ponto de Teatro/ Residente da Casa do Artista)

O CÉU CHORA COMIGO

A chuva que hoje cai
Não é mais que choro do céu
O vento que hoje sopra
Não é mais, que castigo meu

Por te ter amado
Vivendo em pecado
Tudo abandonei

Vivo só, sem Deus
Pobres sonhos meus
Nem com Deus fiquei

Cai a chuva, sopra o vento
Como tremendo lamento
Por tudo que já passei

Chora o céu, choro eu
Quero que volte a ser meu
O Deus que por ti troquei...

Autor: Mário Ramos
(Técnico de Contas)

Este poema foi cedido pela actriz e cantora ligeira Maria Candal, viúva do autor.

NATAL

O Natal aproxima-se! O tempo corre veloz! Mais uma vez sub-repticiamente chegamos ao Natal! Época de maior animação, de beleza e valor espiritual, surge-nos desta vez um pouco ensombrada por um mundo insatisfeito, violento e de grandes e futuras transformações.

Mas, deixemos esse lado angustiante e problemático para nos debruçarmos ainda no actual Natal feito de esperança, afectos e solidariedade. Esforcemo-nos para contribuir com o nosso entusiasmo, para valorizar um Natal que é de nós todos!

Diz o povo que a esperança não morre! É verdade! Lutaremos por um Natal humano, afectivo e solidário, pleno de confiança no futuro. E, a propósito de confiança lembramo-nos do poema “Confiança” de Miguel Torga, extraído do livro de poemas “Cântico do Homem”.

O que é bonito neste mundo e anima,
É ver que na vindima
De cada sonho
Fica a cepa a sonhar outra aventura...
E que a doçura
Que se não prova
Se transfigura
Numa doçura
Muito mais pura
E muito mais nova...

Vamos portanto, confiar! Vamos amigos seguir a inspiração do poeta! ... Que as cepas se renovem! ... Um Bom Natal para todos! ...

JF



ABRAÇA-ME

Abraça-me...

como se fosse o universo no teu peito,
ou o perfume entranhado,
como se de um lago de rosas tivesses saído;
como se fosse o dia e a noite, o princípio e o fim,
dois corpos fundidos num só sentir.

Abraça-me...

como se meu corpo te vestisse a alma,
e somente abraça-me.
Não, não digas nada. Abraça-me apenas.
Só um instante?! –
Não. Não há instantes no abraçares-me,
apenas o consubstanciarmo-nos,
e somos silêncio abraçado no eterno tempo,
e escuta... escuta apenas o silêncio do nosso abraço.

O que te diriam as palavras entre o abraço?

Escutar baladas do tempo anterior a nós?

De nada nos serviria o abraço. –

ruídos exteriores,
e não seríamos verdadeiramente nós;
melodias tuas ou canções minhas,
e não seríamos novamente nós.

Abraça-me...

Abraça-me apenas o silêncio e o abraço.

– Isso.

E nem um olhar, uns olhos nos olhos?

– Olhamo-nos por dentro;
um vermo-nos para além do olhar;
um olhar o sentir que nos fala no som do silêncio, e nos canta.

Ai como canta... e canta todas as melodias improvisadas no momento –
as nossas canções, a música do nosso tempo.

Abraça-me apenas, amor.

Autor: Luís Ochoa (Poeta)

HOMENAGEM

Assisti há pouco tempo na nossa estação oficial da TV à apresentação dum programa especial comemorativo do centenário da morte do pintor Amadeu de Souza-Cardoso com a exposição de grande parte da sua obra.

Entusiasta da sua obra, encantada com o traço avançado para a sua época, não posso deixar de modestamente me solidarizar com a homenagem tão merecida.

Tenho acompanhado as exposições da sua obra. Ainda há pouco tempo a Gulbenkian apresentou uma ampla exposição sua e a Casa do Artista proporcionou-nos uma visita a uma exposição, desta vez no Museu Nacional de Arte Contemporânea, em Lisboa. Lembram-se?

Nunca é demais falar, ver, escrever sobre aquilo que nos dispõe bem e que nos enriquece espiritualmente.

Para mim, Amadeu de Souza-Cardoso tem esse condão, que eu exploro no seu encantamento e divulgação.

Também acompanhei a exposição da sua obra, em Paris, no Grand Palais que constituiu com o seu êxito para o engrandecimento universal da sua obra.

Infelizmente o seu curto e efêmero trabalho prejudicou na altura o seu reconhecimento universal.

Morreu aos 30 anos! Muito viria ainda acontecer se a sua vida não terminasse tão abruptamente. Cabe-nos divulgar e prestar a homenagem que merece.

A arte é eterna e Amadeu Souza-Cardoso contribuiu com o seu talento para a perpetuar.

JF

a imaginação
é a luz
que nos ajuda a reencontrar o amor
e a vida num novo e eterno futuro
para além dos limites da saudade

do livro a editar
“Pingos de Pensamentos
Entrelaçados no Amor”

de
Miguel Barbosa
(Dramaturgo/Residente da Casa do Artista)

MAIS UM CONTO DE NATAL

Cham-cham, cham-cham, o comboio corre, o comboio apita, uuÚ... Aqui é monte, além é rio. Os olhos de Tónio, sombrios e negros, negrinhos de sombras, descem ao correr do rio, sobem ao subir dos montes, à nuvem que se afasta e foge. E um barco vai no rio. É um barco sem barqueiro, na água a correr sem dono. E o monte esbugalha olhos: bojudos, duros, matreiros por sobre o vogar do barco. E Tónio todo se encolhe. Todo, no capote todo. Que os olhos dos penedos, olhos do monte, a segui-lo, olhos do quartel, a espiá-lo. E o comboio corre, apita, uuÚ... Cospo fumo. Cospo fopas por sobre a água do rio que prende o fugir dos montes. E a silhueta de um barco navega em nacos de nuvens. E nacos de céu no rio, a azularem a água. Tal qual no fugir do Paiva, o céu, naco a luzir. E nos telhados da aldeia, pedaços de céu estendidos. Trapos da luz de Deus, dados por Deus, ao alvor. Sol a brincar pelas folhas, a fazer bilros e rendas. Blusa da mãe a corar. Peúgos, ceroulas, lenços, ranhos ainda escarrados. Arames, um lés-a-lés, onde as moscas cagam, brincam.

E o rio caçoa, muge. Foge por curva sem dono. Penedos, olhos na curva. E Tónio todo se encolhe. No banco, todo encolhido. Teme milhafre a pairar, num roço de nuvem parda. Um arrenega-esconjuro por arcadas do quartel. Não há recanto aquecido. Um calor. Nada, nadinha. O codo a gretar por frestas. Cieiro a gretar os dedos. Oh! dera quem, quem lho dera. Um crepitar de lareira. Gravetos, pinhas, felugens. Brilhos no breu pelas traves. Na boa da sua terra, distâncias e saudades na distância dos carris. E o comboio, todo ele. No rolar tolo das rodas. Um tam-tam azoeirado: «Cuidado, Tónio, cuidado. Ai me vou descarrilar». E no cantar do rodado. O Sete-Sete ressona. Cabeça na troixa, a dormir. Dentro do capote todo. E Tónio vigia à volta. Penedos, sombras, segredos. Papões, nem ele o sabe, papões que por lá se escondem. E Sete-Sete resmungo. Sete-Sete é empecilho: «Não te fujas da aldeia. Nunca, por nunca, te fujas. És amparo a tua mãe. És socorro à sua dor». Que o pai, doido varrido. Por um mar que nunca vira. Um barco o foi levar. E sua mãe! Triste, triste, no degrau, a soluçar: «Ó Chico, Chico, meu homem! Lentura da minha vida. Meu coração e alumio. Os pés me vão regelar». E Tónio, degrau fundeiro: «Tá bou! Eu los aqueço. Consigo, mãe, vou deitar». Mas o pai já lhes não ouve. Já no dançar da carreira. Carreira a saltar na estrada. Berma a berma. Geringonça, pela serra, a buzinar.

No comboio é diferente. Não há degraus, nem ramada. Pés da mãe, para aquecer. Nem roupa estendida ao sol. Só o Tónio, muito atento. Dentro do capote todo, os botões de solarine, nas casas, todos, um brilho! Foi no quartel que lho deram. Uma prenda do sargento: «O tempo, aqui, é agulha». Dera-lho logo à chegada. Dera-lho, sem lo pedir. Até custa acreditar.

E o comboio resfolega. No cantar tolo das rodas, são loas, o resfolgar: «Faz tudo como te digo. Tudo, tudo, sem um ai». Zoada do Sete-Sete. Na parada. Na caserna. Pelos instantes do dia. Pelas instâncias da noite. Na sentina. Até nos sonhos. Na hora de come enxúndia. O sargento a salivar: «Melhor que feno a burro». Sete-Sete a resmungar: «Só se for à tua mãe». Uma risota, ganapa. O sargento a ganapar-se. E o Tónio, outro ganapo: «Feno e rancho, qual a vossa?». E logo se vai, viaja. Viaja a fumos, a lumes. Cheiros a pinho, a corcódeas. Resinas, felugem, bogas, e, no relógio da torre, o bater cheio das horas. A mãe a cozer coiratos. A mãe a coser peúgos. A mãe a rezar novenas, um círio, varal de feira, e fé no Senhor dos Passos: «Meu Chico! Volta, num ai.



O teu corpo é estendal. E o meu, pobre de mim. Andorinha sem beiral». E Tónio na latoaria. Zuque, zuque, a esmerilar. Que ti Saul é casmurro! A rapeta quer num fio. Fio de Deus! Todo um brilho, no fiozinho do tempo. Como se fio e tempo, dele fossem, não de Deus. Nem rapeta ganha fio, afiada a contratempo! E, na ombreira, o abade, negrinho, asa de corvo. «Senhor abade, que há? O isqueiro verte gás?» Mas o abade é caturra: «Não, não é isso, rapaz. Quem se verte é a paciência. Deixa-me o isqueiro em paz!» Mas o Tónio é alho-chocho: «A paciência a verter-se? Essa é bou. Precisa solda?». O abade, na ombreira, enegra o fio de sol: «O foliar pra tua mãe! Que é dele, já o pensaste?» O Tónio pára o trabalho. Mete freno ao esmeril: «O Natal inda é tão longe. Tão longe que não se sabe se haverá mais natais». Mas o abade é caturra: «O foliar é pela Páscoa. No Natal não é foliar». O Tónio desfria a roda. O esmeril chispa fagulhas. Que, pró Tónio, tanto monta. Seja Natal, seja Páscoa. Foliar é sempre foliar. Sua mãe foi quem lo disse. E ao abade dera aviso: «Deixe o Tónio. É boa lua. Não se amofine com ele, zangado, como se Deus». E o abade, logo-logo. Peto num tronco, a bicar: «Zangado, eu, como Deus?» Logo deslarga à igreja. Sotaina, delão, delão. Lenço a limpar tonsura, sandálias, um corre-corre, fivelas, prata a aflorar. Como agora, ao deslargar-se da banguinha da ombreira: «Barro tosco! Que embude!» E o Tónio sopra, ressoa, as brasas pelo cu do ferro: as fopas, danço e brrrrs, zanzoam na latoaria. Como no monte, agora. Lume rasteiro, zaranzos. Uma lambança de lumes. E o comboio apita, foge. Foge às manhas do fogo. Pouca-terra, pouca-terra. Aqui é monte. Além é rio. Água parda, funda, negra. E o barco? Já se foi. A curva do rio levou-o a outras curvas sem dono. E o comboio bordeja. Reluz no verde dos juncos. Juncos ao rés da água. Até que arreia freios. Os carris, chispas e guinchos. E logo, logo aquieta. E gente sai, pincha estribos. Troixas, um rebolar. Sete-Sete, ajeita a sua: «Adeus, adeus, bom Natal». Capote, farda de cabo. Um reluzir de botões. E o comboio dá gemidos. Cham-cham-cham, dá sacolões. Sopra vapores. Mija águas. Outro cham-cham, e arranca. Rilha o rebordo ao carril: um faiscar desalmado. E chove! Chuvisco grosso, cantarola na vidraça. Como se quisera entrar, dar bilhete, a revisar. E o comboio foge, corre. Molhado. Todo molhado. Embica ao vau da ponte. Expurga faúlhas, fumo, por sobre a zanga do rio: ciscos que morrem na chuva, tristes por irem morrer. E Tónio é todo medos. De um lado, penedos, montes. Olhos d'amedrontar, a chuva a tamborilar. Do outro, sol e pinhal. Gritos de chiba a estremar-se. Fome de lobo a espiar. Como na sua terra. Na boa da sua terra. Metade, telhas à chuva; metade espreguiço ao sol. E o comboio todo endoida. Cospe fumo, cospe fopas. Desalvora. Corre, apita. Todo pressas no chegar. Trepas o monte. Sobe ao céu. Será que tem lá cortelho, onde vá a descansar? No rastro das nuvens todas, o céu todo é um azul. Mas as nuvens, carantonhas. Marafonas sem penico, a mijarem no comboio. E Tónio reza a seus dias: «Jesus me valha e me guarde. A mim e à latoaria». Que a zoada do comboio. No alcantil sem fundeira. Levanta bando de corvos. Grasnam, voejam, poisam. Riacho que cai a pique. Moinhos ao desperdício. Seixos brancos. Muito brancos. Bem os vê: afiam dentes. São os dentes da Raquel. Mordem os bordos da alma. O abade a censurá-la: «Então, que é isso, Raquel. Mordeste a alma do Tónio?». E o comboio, outro morder. Bigorna, chispas no tempo. Tempo a morrer nas fopas. Ou elas, morrerem nele. Tempo que ali começa. Espaço que morre ali. E o tantam é batuque. A quem de medos se morre. Gargalhos do rio, lájeas, onde engordam os choupos. Raízes que engordam barbos. Enguias, bogas, robalos. Como se na sua terra. Na boa da sua terra.



Terra de mato e baldios. De todos e de ninguém. Sua mãe é quem lo diz. Se ela o diz, ela o sabe. O abade assim o diz. E a quem lhe enzona que não, o Tónio logo abespinha: «Minha mãe é uma sábia». E o comboio chega ao túnel. Pouca-terra! Pouca-Terra! Todo lavado por Deus. Chuva que disse adeus. Negrinha boca de túnel. Carris no monte deitados. Como se da vida cansados. E, além-rio, os penedos. amansados na distância. Ovelhas com lã de musgos. A dormitarem ao sol. «Arreneguei-me eu aos penedos! Sou um tolo, mesmo tolo». E o comboio é lambança. Lança gritos, muitos gritos. Afunda a alma no túnel. UuÚ... A alma e o corpo todo. Tam-tam, tam-tam. Um batuque a engoli-lo, tam-tam, tam-tam. Como se no breu dos raies, aço bom para rapetas, andasse tambor à solta, a fingir-se Sete-Sete: «Faz tudo como te disse. Não esqueças. Tudo, tudo».

Olha a janela, o escuro a roçar na vidraça. Uma janela sem trinco, mão das trevas a abriu. Entra frio. Entra fumo. Golfada a fugir à noite. Que a noite, matara o dia, no piche do túnel todo. E a voz do Sete-Sete, nas rodas, um resinar: «Ao alvorar do clarim, nunca mais hás-de alvorar, nunca mais, por nunca mais». E num festejo de uÚs, o comboio larga as trevas, entra aos derrames de luz, atira apitos às nuvens. Nuvens com tanto rombo, que nem os anjos as querem: podem cair-se, aos tombos, numa alma sem beiral. E a voz do Sete-Sete... Guilho tolo, mesmo tolo: «Não mais agonias rancho. Rabo de rato a boiar». E Tónio, logo se apeia. Lareira e mãe, bem nos olhos, a troixa bem na suã. Mas novo medo a tolhê-lo. A carreira que o leva, leva também o tantam. Só o tambor é que não. Não teve vez na carreira, que ao peso das trouxas todas, as da saudade, as maiores. E Sete-Sete é um visco: «Nagalho, nó bem no dedo. Não vai doer nada, nadinha». Doeu-se, sim, foi a mãe. Braços magros, uns caniços. Na fundeira da escada. Mas Tónio não quer abraços. Foge aos beijos, aos caniços: «Deslarga, deslarga, mãe. Não vês que sou todo pressas?». O sol rendilha a latada. Luz e bilros, fios de ouro. A mãe recolhe o abraço. Os cotovelos esconde. Polvilhos de amor em seus lábios: «Ó meu Tónio. Meu bom Tónio». Mas o Tónio é mesmo pressas. Capote verde a adejar, da fundeira, ao patamar. Foge ao sol. Aos bilros todos. E sem à lareira quedar, fundos da casa espiolha. E num ápice de luz. Ápice que assombra a mãe. Traz torgalho de taleiga. E logo a mãe se lampeja: «Vais à farinha, aos moinhos, ou alecrim pra meus olhos?» Mas o Tónio não lhe atende. Gesticula, foge, embirra. Lembra o quartel. O cieiro. Orelhas, lábios, nariz. E o gretar dos dedos todos.

Mandar pudesse em quem manda... Tudo virava ao avesso. Espiga bem debulhada: «Ao capitão, nem mio-lo Ao coronel, o tarolo». E Sete-Sete, um embude. Chegara primeiro que ele. Na latoaria, à espera. E logo, Logo, a zunir: «É um segar de seitoira. Segar meigo, não dói nada. Menos que dente a cair». E sempre, sempre a zoar: «Tua mãe, é mãe sofrida. E, de saudades, um feixe». E a mãe olha o torgalho, o uso, a fiapá-lo. Quer o capote fruir. Amaciá-lo às mãos. O casulo dos cabelos, no capote aconchegar e pensamento acalmar. Mas o Tónio foge à mãe. É menino malhadiço. Tempos de baração solto e de pião a nicar. «Onde ele, tal pião?» Irrompe na latoaria. Olha à volta, espreira a vida. No dependuro da cruz, cruz de arames torcidos sobre presépio de latas, o sorriso de Jesus. «Mãe! Ó mãe! Num esqueceste!» Latão amarelo, o bercinho. Burrico, um só arame. Vaquinhas, galho cerdeiro, barrigas apintalgadas, os cornichos são de freixo, Deus-menino, um goivo só num graveto de amieiro, os lábios, papoila rubra. O Tónio é um remoinho. Diz à mãe, numa prosápia: «Seus pés lhe venho aquecer». E a mãe, a empolgar-se: «É brando o teu aquecer». Mas, agora, não é hora, hora de bisonhice. Aspira os lautos olores. A rabanada, a canela.



Fumos vindos da lareira. Olhos da mãe, na ombreira. A ombreira do abade: «Onde está o afolar?» O Tónio assopra, resmunga: «Parece o abade, a mangar». Desatina. Volta aos medos. Medo a ventos de Espanha. Ou que o pai volte, um dia. Que os pés da mãe já lhe são. Tanto, ou mais, que ao pai. E Tónio é ror de pressas. Pressas como as do comboio. Por sobre as zangas do rio. Quer do abade a bênção. Logo a mãe, vareiro a arder: «Sou asa. Vou num voejo». Telmo ata o torgalho, baração, como a pião. Aperto, bem apertado. No dedo, haste sem préstimo. O Sete-Sete ensinara. Na sentina, ao mijar. Nos uuÚs do comboio. E no tam-tam do rodado: «Sem dedo para o gatilho, não terão outro remédio». Rira-se muito, o sargento: «É de tolos! É de tolo!» E, na sala onde o levava, o coronel também rira, um riso de malcriado. O bom Tónio a embezerrar, solho da alma a empenar. E retratos na parede. Comprida, rua da aldeia. A revirarem os olhos. Retratos, quase ao tecto, como se fora um céu, azul e muitos anjinhos. E santos, ar carrancudo. Cumo sala no passal! Salazar e um cardeal, como se santos, também. Abade, brilho nos olhos: «Não são santos? Hão-de sê-lo». Cumo agora, o coronel. Lareira a crepitar: «Estás a ver? É Viriato. Romanos chincou a eito, com as forças do querer». E logo alargou o passo. Um passo de coronel. Todo prosa, e o pingalim, a vergastar o botim. Como moleiro, os quadris, de burro a alancar taleigas! «Este, aqui, é o Mouzinho. O que prendeu Gungunhana. Um herói, contra azagaias, mais certeiras que fuzis». Borzeguim pelo tapete. Pingalim a dar-a-dar: «E tu, meu rapazola. Arreceias matar pretos, como quem mata estorninhos». Tónio todo, tresmalhou. Que raio de gaita, aquela. Nunca matara estorninhos. Nunca, por nunca, homessa! Cacho de penas no soito. Aos ziguezagues, no céu! A apetercer-se estorninho. Voar, com eles pirlar. Raio de gaita era aquela! Matar, só mesmo a coelhos. Cacholada atrás da orelha. Partir pescoço a perdiz. Gaita tola, coronel! Merecia ser jungido à cruz do Senhor dos Passos.

Sete-Sete amaciara-o: «Cães a defenderem osso, muito mais carne que osso». Que o Sete-Sete, era sábio. Lia livros, às escondidas. Uns livros que nem sonhavam. Nem padre, nem regedor. Nem coronel, só o alferes: «Esperanto, língua nova. A unir credos e raças, mais que comboio ou barcos». Capas pretas, encardidas. Bolso do cu, escondidas. O Tónio bem insistiu: «Mostra o livro, e quais os ossos, e o credo, que é lá isso?»

Logo a mãe sentiu um baque. Baque forte, um temor: «Essa do credo, é aviso». Com o Tónio, pela orelha. Nos lábios, valha-me Deus. Correu à igreja, a guardar-se. A guardar a alma ao Tónio nas mãos e tino do abade: «Quem te enredou em tal isco?», lunetas, na nave, a racharem e, ao Tónio, a penitência: podar a vinha, o pereiro; a romãzeira, a cerdeira; regar hortos e craveiros; limpar a fossa, o quinteiro; lavar a gaiola ao melro; varrer os ciscos, as folhas. E, regressado ao quartel. A alma bem estribada. Uma sagrada missão: vigiar o Sete-Sete, na caserna, na parada. Com quem se dava, ou não dava, pelas horas de laréu. E uma carta lacrada. Que, por costumes e usos, entregaria ao sargento, este, a um dos alferes, que a daria ao capitão, e o major ao coronel. O Tónio fez muitas juras. Juras a Deus, ao abade. E o abade lhe dissera: «Ao regressares da tropa. E da guerra, o mais certo. Valente. Pêro-cascudo, à arte de pinga-solda. Legionário tu serás. Jura de padre, é de Deus».

Já de volta ao quartel. Licença já toda a ir-se. Outros tantans, nos rodados, Sete-Sete tasquinhava. Trutas d'escabeche, bogas. Queijo de ovelha. Presunto. O Tónio quis confiar-se. Namorou os mastigares. Mastigou. Também bebeu. Escutou rol de prosápias




Ai, se ele um Sete-Sete! Sopeiras e serigaitas. Uma a uma. Vez-à-vez. No breu de um vão de escada, cosidos aos nós das tábuas. Num pinhal. Caruma quente. E no soito, terra negra. Que bródio, que zoeirada. Como, ali, no comboio. Canivete, um corta-corta. Sete-Sete, a estangar-se. Lambodas, a lambuzar-se. Sete-Sete no presunto: «O abade não quer lareiras? Na caserna e corredores?» O Tónio, carta na mão. Sete-Sete mira a carta. Remira. Torna a mirar: «Tem timbre do priorado». Logo o Tónio a querer guardá-la. «Vou levá-la ao nosso alferes, que a dará ao capitão». Sete-Sete engasgou-se. Presunto salta da boca. Seu coração salta, pula: «Dá-me a carta. Dá a carta». Jogou a mão à missiva: «O abade é melro? Eu, sou gato». E, na carta, se dizia: «Atente, coronel, atente. Sete-Sete é rabaçal. Puro veneno. Um pulgão. Míldio que desalma almas. É herege, um bolchevique.» A tinta preta-cornelinho. Tinta-uso em esponsais, baptismos e assentamentos. Ali, denúncia política. Sete-Sete, ai que raiva! Surra o surro do banco: «Que fioco, zebre, bosta, na baeta da sotaina». Escarra pela janela, aos rails que já se foram: «A tonsura do abade, nem pra moscas se fartarem».

Riram muito, muito, muito. Como quando se peidavam. Estrondo pela camarata. Às vezes, na formatura. Riram muito, mais que muito: «Essa, das moscas, tá bou». E Tónio peidou-se a rir. Mais que o pai, ao deitar. «À minha mãe vou contar, na hora do afolar». Mas Sete-Sete assisou-o: «Cuidado, Tónio, cuidado. Ao dizê-lo a tua mãe, tua mãe di-lo ao abade, que o dirá ao coronel. E tu, de ti, que será?» Tónio, caçapo na lura. Lura verde. O capote. Encolheu pescoço e alma. Sete-Sete foi furão: «Não mais aqueces os pés, à boa da tua mãe». A carta, logo em pedaços. Pedacos no rol das fopas. Nacos que o vento dispersa. E Tónio, todo a temer-se: «Ai, o abade me esfola». Quis agarrar os pedaços. Guardá-los no lenço sujo. Com a mão, puxou o vento. Mas o vento já lá ia. Sete-Sete judiou: «Dizes ao traste do abade, que o traste do coronel fez de mim, e do meu nome, carqueja para lareira». E o Tónio assim o fez. Bem melhor do que sabia. Mas o abade, fígou-o: «Onde a lareira, a carqueija?». Mas Telmo firmou raiz. Bacelo firme, num saibro. Cardo a florir. Salgueiro, raiz ao rio. «Essa é bou! Eu é que sei? Nem peto, melro, ou milhafre, sabem de quem o ache». Agora, na latoaria. Junto ao presépio de latas. Voz rouca do Sete-Sete. Novo tambor.

Tambor doído:

- Foge à guerra. Tónio, foge.
- Tormentos de tua mãe.
- As noites, um pranto só.
- A tua mãe vai gostar.
- Vai ser esse o afolar.
- O dedo, todo no cepo.
- Dedo de dar ao gatilho.
- Torgalho, um anel só.
- No dedo, nó apertado.
- Vamos, Tónio.
- Não te acanhes.

O Tónio ganha fulgores. O dedo ameiga no cepo. Bétula, cepo bem raro. Cutelo bem reluzente, no esmeril afagado. E o gume afaga-lhe o dedo. Volúpia de lenhador. (Um lenhador de ilusões). O golpe sega-lhe o osso. Certo. Seco. Num zás. O dedo, todo no berço. Junto ao pilau do menino. 

Bolha de sangue, a chorar. Choro, fio de arroio. Choro a nascer. Ninguém ouve. Só Jesus, no crucifixo, um cravo a descraivar-se, ali, acto do zás! E Tónio remira o coto. Não doeu nada, nadinha! O coto, um pinga-pinga. Levanta o dedo, na palha. Nas limalhas do presépio. Nas palhinhas, mesmo palha. A unha, já negra, negra. O menino lhe sorri. E, Sete-Sete, que é dele? Nem rodas, nem tam-tans sábios. Nem tambores, como aménes, nas curvas do rio pardo. Lebre em fuga. Chega a França. Outros dias e canseiras. Outro viver, outras hortas: «O dinheiro dá pra todos, como chavelhas nas portas».

E a mãe, que já aí vinha. Taroca a enlamear. Asa triste, a desasar. De negro, toda trajada. Enquanto o mar não trouxesse. Do modo que o levou. O Chico, já sem toleimas, para outro atoleimar.

--- Qu'é do abade? Qu'é dele?

--- Na taberna. Joga a bisca com o novo regedor.

O Tónio também desasa. Fopa de nada, é zagueio, pelo trançado de luz. Vai à cozinha, aos cheiros. Sua mãe rompe às escadas. Fios de sol desmaiados. Que o seu Tónio está branco. Brancura de mau presságio:

--- Tuas faces são branquiço.

--- Essa é bou! Minh'alma avoa. É pena de perdigão.

Abraça. Pespega à mãe um abraço de aduela. Beija-lhe a face, o espanto. Roda, funga, rejubila. É plenitudes, milhafre. Ponta do dedo na mão. Sangue vivo a ressecar:

--- Aqui tens meu afolar.

E ao Tónio não avem. Da mãe, o ser a gemer. Só os cheiros a canela. A pão, a trigo, a filhós. Filhós abóbora-menina. E também a aletria. E, na sertã, duas bogas.

Olhos no pingue-pingue, a mãe abanica a alma: do gavetão das relíquias, gavetão dos esponsais, tira lenço de cambraia, e o bentinho de seus credos, o santo António dos ais. Com alho, vinagre, sal. Noutro ai, todo a Deus. Faz remédio, faz poção. Não vá o coto purgar. É poção que tudo cura. Vem de Deus, tem que curar. Curou um lanho a um burro. O burrico do moinho. Purgação, casco a inchar. «Tónio, Tónio! A mão sem dedo». Mas o Tónio é desatento. Não vê. Não ouve: quebranta. Só os bons cheiros, no ar. Presunto, bogas, morcela. Os crepitares da lareira. Cintilos ao breu das vigas, na telha-vã, os bons fumos. E Tónio sente quebranto. Fraqueza por não comer. Puxa logo, logo-logo, do mocho que foi do pai. Prós lumes, compõe a farda. Capote, cardas e botas no lambe bom da lareira:

--- Mãe. Ó mãe! Sou todo fomes. Presunto, bogas e vinho. Até mais não poder mais.

As loiras bogas tasquinha. No prato de esmalte azul. Loiras do azeite a ferver. Remira o dedo, o coto. Dá grunhido, é porco à faca. Grita. Salta. É pião. Dá rodopios, braceja. Os braços, asa nos fumos, são asas de gavião:

--- Chapotei o dedo avesso! Não o de dar ao gatilho.

Retorna ao mocho, à lareira. Aos lumes, ao lambe-lambe. Lume a lambe-lhe a alma, e o prato de esmalte azul. Todo raivas, todo raiva. Raiva às rodas, ao tantam: «Sem dedo para o gatilho, és bolor a enegrar». Chega as botas ao borralho:

--- Mãe! Ó mãe! Ó boa mãe. O abade tem razão. Vai num pé. Corre a dizer-lhe: só na Páscoa é afolar.

Autor: Afonso Henriques

(Técnico da Central Técnica de programas da EN-RDP/ Residente da Casa do Artista)

**PROPRIEDADE:
APOIARTE —
CASA DO
ARTISTA**

Estrada da Pontinha, 7
1600-582 Lisboa

Tel: 217110890

Correio eletrónico:
geral@casadoartista.net

www.casadoartista.net

A **APOIARTE/CASA DO ARTISTA**—Associação de Apoio aos Artistas é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), destinada a apoiar e dignificar aqueles que exerçam ou tenham exercido funções relacionadas com a atividade do espetáculo nas áreas das artes cénicas, da televisão, do cinema e da rádio.

A Residência, o Teatro Armando Cortez, a Galeria Raul Solnado e o Centro de Formação constituem as várias valências de apoio e desenvolvimento dos objetivos definidos na sua génese. Abrangida pela Lei do Mecenato Cultural, tem contado com vários apoios que, de algum modo, nos têm ajudado a contribuir para a melhoria da qualidade de vida de todos os residentes nesta Casa do Artista.



AGENDA CULTURAL

SALA BEATRIZ COSTA:

19 de Dezembro 2018 (quarta-feira), 15 horas — Apresentação do “Boletim Informativo da Casa do Artista”;

20 de Dezembro 2018 (quinta-feira), 15 horas — Missa de Natal, presidida pelo pároco da Igreja da Luz;

21 de Dezembro 2018 (sexta-feira), 15 horas — Fados com o fadista Rui Ferreira, acompanhado à guitarra portuguesa por Manuel Gomes e à viola de fado por Fernando Gomes;

7 de Janeiro 2019 (segunda-feira), 15 horas — Comemoração do Dia de Reis, com o grupo “Cante Alentejano”, da Universidade Sénior de Setúbal;

10 de Janeiro 2019 (quinta-feira), 15 horas — Actuação do Grupo Coral dos Voluntários do Hospital de Santa Maria;

TEATRO ARMANDO CORTEZ:

- **O Teatro Infantil de Lisboa** apresenta “O Feiticeiro de Oz”, com encenação e coreografia de Victor Linhares;
- Fernando Mendes apresenta “Insónia”, com autoria e encenação de Roberto Pereira, até ao dia 27 de Janeiro 2019;
- **A Yellow Star Company** apresenta a comédia “Faz-te Homem”, com António Machado e João Didelet. Texto de Luís Coelho e encenação de Paulo Sousa Costa.

Ficha Técnica

Edição:

Ricardo Madeira
(Animador Sociocultural)

Responsável pela Edição:

Conceição Carvalho
(Assessora da Direcção)

Coordenação:

Carla Andrino
(Psicóloga Clínica/Actriz/
Vogal da Direcção da Casa
do Artista)

Revisão:

Fernando Tavares Marques
(Actor/Tesoureiro da Direcção da Casa do Artista)

Periodicidade:

Mensal

Tiragem:

50 exemplares

Nota: Este Boletim não foi redigido ao abrigo do Acordo Ortográfico.